

O EFEITO ALÉM DOS PALCOS: Reflexões sobre o espetáculo *Prefiro rosa e não azul*¹ (2016) da Companhia de Teatro e Dança Traquejo na cidade de Exu-PE

José Ítalo dos Santos Nascimento²

RESUMO

O artigo estuda discursos referentes a gênero, sexualidade e politização presentes no espetáculo, *Prefiro rosa e não azul*, com dramaturgia inspirada no estilo teatral épico promovido por Bertolt Brecht e no teatro do oprimido desenvolvido por Augusto Boal. Tendo em vista a teoria da recepção e sua aplicação atual no campo das ciências humanas, o artigo destaca as várias interpretações possíveis do público e como isso afeta as relações históricas e socioculturais dominantes. Levando em conta as reflexões de Judith Butler acerca do feminismo e da teoria *Queer*, o objetivo desse artigo é analisar as tensões entre as configurações heteronormativas vigentes e como o modo teatral da companhia de teatro e dança Traquejo promove pedagogias histórico-reflexivas acerca das experiências heteronormativas através da educação não formal.

Palavras-chave: Heteronormatividade, Politização, Recepção, Cia.Traquejo, Teatro do oprimido.

THE EFFECT BEYOND THE STAGE: Reflections on the show *I prefer pink and not blue* (2016) by the Traquejo Theater and Dance Company in the city of Exu-PE

ABSTRACT

The article studies discourses regarding gender, sexuality and politicization on the play '*Prefiro rosa e não azul*', with dramaturgy inspired by the epic theatrical style promoted by Bertolt Brecht and the theater of the oppressed performed by Augusto Boal. In view of reception theory and its current application in the field of human sciences, the article highlights the various possible interpretations of the audience and how this affects the dominant historical and sociocultural relations. Taking into account Judith Butler's reflections on feminism and *Queer* theory, this article has as aim to analyze the tensions between the prevailing heteronormative configurations and how the theatrical mode of the Traquejo theater and dance company promotes historical-reflexive pedagogies about heteronormative experiences, through the non-formal education produced by the epic theater of the oppressed.

Keywords: Heteronormativity, Politicization, Reception, Cia.Traquejo, Theater of the Oppressed.

1 Artigo apresentado ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História e Subjetividade (GEPHS) para obtenção de créditos de Atividade Complementar.

2 Graduando em História pela UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA. Estágio Extracurricular na Biblioteca Central - URCA no ano de 2020. Desenvolve pesquisa voltada para história e subjetividades no grupo de estudos GEPHS. Atualmente é bolsista do Laboratório de Pesquisa em História Social (LABORE). Desenvolvendo pesquisas para a temática de história indígena e história social da cultura.

O EFEITO ALÉM DOS PALCOS: Reflexões sobre o espetáculo *Prefiro rosa e não azul*³ (2016) da Companhia de Teatro e Dança Traquejo na cidade de Exu-PE

INTRODUÇÃO

O espetáculo *Prefiro rosa e não azul* da Companhia de Teatro e Dança Traquejo da cidade de Exu-PE, tem como principal objetivo fazer intervenções sociais. A dramaturgia é produzida no ano de 2016 período em que o Brasil passava por grande crise política. Na introdução acontece a apresentação de um pelotão de infantaria, onde o general faz perguntas a respeito das relações sexuais de gênero, demonstrando a heteronormatividade presente na sociedade. Em seguida, o pelotão faz um jogo de palavras em referência aos órgãos genitais, cores, pátria, céu e inferno. Dando espaço para uma intervenção que explicaria os significados das palavras através de um dicionário, enfatizando o contexto de manipulação em consonância com a utilização de símbolos para identificação sexual. Em seguida a peça tem seu desenvolvimento no diálogo entre adolescentes sobre o meio cultural. Dessa maneira, o espetáculo conta a história de adolescentes que estão descobrindo seus desejos e almejando sua vida longe das regras ditadas principalmente pela instituição familiar. Sendo assim, partindo para uma vida longe da família os mesmos acabam encontrando grandes dificuldades com relação as normatividades vigentes no meio social.

Inicialmente, partindo de discussões do Grupo de Estudo e Pesquisa em História e Subjetividades - GEPHS, coordenado pela professora Josinete de Souza⁴, foram expostas as representações do cinema e sua pertinência para as relações sociais de gênero. Realizamos várias discussões sobre a obra de Nelson Rodrigues *O beijo no asfalto*, onde o grupo prendia muito, levando em conta também, experiências do nosso cotidiano. Posteriormente foi lançada uma proposta de desenvolver um artigo que poderia navegar pela interdisciplinaridade. Nesse exato momento tive a ideia de unir o útil ao agradável e escrever sobre um espetáculo de teatro do grupo do qual faço parte, a Companhia de Teatro e Dança Traquejo da cidade de Exu-PE.

A partir de algumas leituras e vivências percebi o quanto é importante explorar a interdisciplinaridade e os micro-eventos que mexem de alguma maneira com as estruturas sociais. Decreei estudar mais a fundo as linguagens presentes no espetáculo da Companhia Traquejo. Juntei algumas fotografias que se encontravam arquivadas no *Google Drive* do grupo, conversei com o diretor e alguns membros a respeito dos desafios e metas alcançados pelo espetáculo. Revisitei o texto da peça que se encontrava arquivado pelo motivo do espetáculo não ter sido mais apresentado, fazendo parte apenas do catálogo da Companhia de Teatro e Dança Traquejo. Dessa maneira, é possível fazer as seguintes reflexões.

O estudo trata de uma reflexão sobre um espetáculo teatral. O mesmo ganhou repercussão por promover quebras de tabus, tendo em vista que o público não estava habituado a presenciar cenas de teatro relacionadas a gênero, sexualidade e desejo. O espetáculo aconteceu no sertão do Araripe na cidade de Exu

3 Artigo apresentado ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História e Subjetividade (GEPHS) para obtenção de créditos de Atividade Complementar.

4 O grupo está em funcionamento desde 2007 e suas atividades se organizam em torno da ampla temática da produção de subjetividade, cada vez mais presente na produção da História Cultural contemporânea. O grupo é aberto aos alunos do curso de graduação de História e cursos afins interessados em discutir e desenvolver trabalhos nas linhas de pesquisa: História, literatura e cinema; História e gênero; História e memória; História e cotidiano. Resumidamente, definiu-se como objetivo geral desse grupo desenvolver uma discussão interdisciplinar e contemporânea entre História, Filosofia, Arte e Psicanálise, levando em conta as possibilidades da pesquisa histórica sobre as práticas coletivas e individuais de produção de subjetividade: sociabilidades, comportamentos e atitudes; sensibilidades, mentalidades e imaginário; cotidiano e vida privada, etc.

Pernambuco, no ano de 2016.

A cidade de Exu conta com 34 mil habitantes e 114 anos de emancipação política. Esse lugar que é lembrado pela forte cultura e participação na vida e obra de Luiz Gonzaga⁵, o rei do baião, e grandes escritores como Thereza Oldam⁶ e Francisco Saraiva⁷. O município conta com uma cultura de forte caráter popular e conservador, nesse sentido, o discurso contemporâneo de gênero, sexualidade, politização e desejo, promovido pelo referido espetáculo, provoca um impacto nas suas conservadoras estruturas sociais, culturais, políticas e históricas.

O espetáculo, *Prefiro rosa e não azul*, aconteceu em espaço cedido pela escola pública São Vicente de Paulo, pois o município de Exu não dispõe de um teatro municipal, fator esse que não interfere nos objetivos do grupo. Segundo o diretor da companhia e mestre em artes cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, João Lucas Bento⁸, e os demais integrantes da companhia Traquejo “o grupo de teatro e dança Traquejo tem o objetivo de levar cultura, história e entretenimento aos bairros mais pobres da cidade através das apresentações teatrais”.⁹

Ademais, o que é Cia. Traquejo? Como ela nasce? Qual seu objetivo na cidade de Exu? E qual sua importância? E por que é denominada grupo de resistência? Em um depoimento na plataforma do YouTube o diretor da companhia explica e responde algumas destas perguntas:

Vindo de um grupo de dança e outro de teatro da cidade de Exu, entrei na escola Erem Barão de Exu no ano de 2010 e dentro da escola tive a responsabilidade de conduzir o grupo de dança da escola para apresentar em eventos de conferência do Estado e outras ocasiões quando a escola tivesse a oportunidade de levar o grupo. Esse grupo se chamava evolução do sertão. O grupo começou a fazer algumas viagens e se passaram os anos de 2011, 2012. No ano de 2013 foi minha saída da escola e um momento de mudança total, sabe quando a gente está mudando da escola para a universidade. Nesse momento surge a indagação de como seria agora. Me desvinculei dos dois grupos de antes, da dança e do teatro e decidi montar minhas próprias coisas, meus próprios trabalhos. Em praça pública reuni essa galera e perguntei, o que seria a partir desse momento? Decidimos continuar e se desvincular do nome evolução sertão, porque esse nome dava ideia de algo popular e eu queria fazer algo mais contemporâneo, então, decidimos que o nome seria Traquejo. Ainda sem saber muito o significado, ficamos com esse nome. Comecei a estudar na Urca e tive a oportunidade de cruzar caminhos com pessoas maravilhosas, uma delas foi o professor Fábio Rodrigues que na disciplina de pesquisas e práticas pedagógicas, nessa pesquisa tinha que mostrar uma biografia visual de como a arte tinha entrado na sua vida e expor para a turma, dessa forma, montei toda minha trajetória, apresentei e o professor gostou, falou que eu tinha que fazer mais coisas, voltei pra casa muito inspirado, reuni a traquejo e disse, vamos montar um espetáculo chamado Metanoia que significa uma mudança de mente, mudança do nome do grupo, uma mudança em geral...¹⁰

Pode-se perceber a importância de iniciativas e elaborações de atividades complementares dentro de

5 Luiz Gonzaga (1912-1989) Foi um dos maiores músicos brasileiros, e teve grande participação na história e cultura da cidade de Exu-PE.

6 Thereza Oldam é a escritora do livro Exu Três séculos de história (2011), que retrata a história de Exu desde 1705 até os anos de 2000.

7 Francisco Robério Saraiva Fontes, escritor do livro Império dos rifles (2016), contribui para a memória da cidade e suas disputas políticas familiares.

8 João Lucas Bento é mentor e criador da companhia de Teatro de Dança Traquejo.

9 Cia de Teatro e Dança Traquejo. Uma Pluralidade de Afetos. You Tube, Exu-PE, 2020. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLxltGoxkm7Z_29cAVemHPiMLB51qe26Gu>. Acesso em: 05 Out. 2021.

10 Cia de Teatro e Dança Traquejo. Uma Pluralidade de Afetos. You Tube, Exu-PE, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/NKhtwyLLSik>. Acesso em: 26 out. 2021.

escolas públicas a partir de depoimentos como estes. A Cia. Traquejo surge oficialmente em 2013, como é descrito acima, e desde então vem se consolidando como grupo, passando por transformações e formações, ganhando espaço e credibilidade. É considerado um grupo de resistência, pois os recursos culturais são bastante limitados para cidades mais afastadas das capitais:

Estamos mostrando que é possível. Somos um grupo independente e isso vem com um tempo, na raça mesmo. Com a gente dormindo em escolas, colchões, se acochando em transportes para caber todo mundo, abrindo mão de cenários porque não dava para levar, pagando figurino do nosso próprio bolso mesmo. A gente é fundamental para muitas pessoas e famílias, ocupamos um espaço que é educacional e social. Dentre vários projetos chegamos a ter plateia com 15 a 12 pessoas, e hoje chegamos a ter plateia lotada e com pessoas voltando, porque não tinha mais ingressos...¹¹

A Companhia de Teatro e Dança Traquejo tem um papel importantíssimo na cidade de Exu, trabalhando a pedagogia social e influenciando o seu público a vivenciar um estado de reflexão após cada espetáculo estreado naquele local, fazendo uma mistura do mais antigo com o contemporâneo. Atualmente a Cia. Traquejo conta com cerca de 22 espetáculos produzidos, sendo que cada um tem seu valor e significado, todos estes espetáculos são apresentados na revista intitulada, A Cia. Traquejo e o Teatro no Sertão do Araripe¹², trabalho defendido na conclusão de mestrado por João Lucas Bento em 2021. No estudo deste artigo vamos analisar o *Prefiro rosa e não azul* que causou um impacto bastante notável das estruturas sociais e normativas da sociedade local.

O advento do espetáculo parte de algumas inquietações sobre os preconceitos vividos no dia a dia dos artistas que compõem o elenco e pela observação do cenário heteronormativo. Algumas inspirações também são buscadas nas obras de Bertolt Brecht (1898-1956), dramaturgo alemão e grande influente na produção artística contemporânea. Suas obras fazem crítica às relações humanas e ao sistema capitalista, Brecht propõe um teatro épico capaz de despertar nos espectadores um ser social, consciente e engajado politicamente.

Outro importante dramaturgo que teve influência nesta obra é Augusto Boal (1931-2009), que durante o século XX instigou movimentos sociais, por fazer pontes entre o teatro e ações sociais. Boal foi criador do Teatro do Oprimido e através desse método buscou transformar realidades através do teatro, fazendo um trabalho político, social e artístico. Levando discursos que interagissem com o público, assim, explorando a história das relações entre o opressor e o oprimido.

A encenação de *Prefiro rosa e não azul* vai além de um espetáculo qualquer e tem o propósito bastante notável de atravessar a barreira imaginária presente entre o palco e o público. Através de discursos realistas, realiza efeitos de ressignificação nas relações sociais e afetivas daquele lugar, saindo dos paradigmas biológicos e trazendo em cena a subjetividade e a liberdade dos indivíduos sobre os seus corpos. Os discursos contidos no seu texto retratam a realidade da sociedade brasileira e refletem os pilares da teoria *Queer* que diz respeito aos seguintes argumentos:

[...] busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das convenções culturais, violências e injustiças envolvidas

11 Cia de Teatro e Dança Traquejo. Uma Pluralidade de Afetos. You Tube, Exu-PE, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/NKhtwyLLSik>. Acesso em: 26 out. 2021.

12 Trabalho referente à pesquisa de João Lucas Bento sobre teatro de grupo na região do Araripe. A pesquisa foi laborada durante o curso de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte 2020-2021 em formato de revista. No momento o trabalho se encontra disponível apenas na biblioteca da UFRN.

tanto na criação dos “normais” quanto dos “anormais”. Quer alguém seja completamente ajustado e reconhecido socialmente, quer seja alguém marcado, humilhado, as normas e convenções operam sobre os dois e ambos são capazes de reconhecê-las. (MISKOLCI, 2017, p.26).

Quando discursos de gênero, sexualidade e politização entram em cena, entra em vigor a estética da recepção, reflexões não apenas sobre o espetáculo, mas também sobre as vivências no cotidiano dos trabalhadores e estudantes que cresceram em um ambiente conservador, reflexões essas que causam desconforto na maioria dos espectadores.

É notável que quando é utilizada uma ferramenta diferente no mesmo objeto, notamos resultados diferentes, é justamente isso que a linguagem teatral do *Prefiro rosa e não azul* faz. Ela leva ao seu público discursos e visualidades que os mesmos não estão acostumados a ver de forma presencial e teatral, como o nudismo e intervenções com imagens de partes genitais. Dessa maneira, percebe-se o efeito de desconforto psicológico causado aos demais receptores. Sendo assim, através da desconfortabilidade durante o espetáculo, e a reverberação após ver cenas que de certa forma promovem reconfigurações nos significados usuais. Como demonstrado abaixo (Figura 01) o desejo de forma explícita e notável na cena construída.



Figura 01 – Cena demonstrando o desejo
Fonte: Acervo da Cia.Traquejo.

Nesse sentido, quais são os desafios? Quais são as contribuições pedagógicas do espetáculo? E qual a importância da recepção e as teorias da comunicação no meio artístico para poder analisar como determinados discursos chegam e como se dispersam no cotidiano de quem assistiu. É sobre como o público se reconhece através do outro, por meio do artista.

O desenvolvimento do espetáculo se inicia com a consciência que existem obstáculos presentes no meio social. Sendo assim, o trabalho teatral desenvolvido pela companhia de teatro e dança na cidade de Exu tem funções e demandas bem complexas, por isso também é denominado um grupo de resistência no sertão do Araripe.

CONSTRUÇÃO, REPRESENTAÇÃO E CRÍTICA

Mas “problema” talvez não precise ter uma valência tão negativa. No discurso vigente em minha infância, criar problema era precisamente o que não se devia fazer, pois isso traria problemas para nós. A rebeldia e sua repressão pareciam ser apreendidas nos mesmos

termos, fenômeno que deu lugar a meu primeiro discernimento crítico da manhã sutil do poder: a lei dominante ameaçava com problemas, ameaçava até nos colocar em apuros, para evitar que tivéssemos problemas. (BUTLER, 2010, p.7).

No livro, *Problemas de gênero* (2010), da autora Judith Butler, ela destaca a questão do problema em um pensamento crítico e filosófico. As relações de poder estão ligadas aos problemas, as interpretações, regras, conceitos e normatividades. Quando saímos dessas relações normativas estabelecidas pelos poderes, somos considerados um problema. Essa construção cultural se apresenta na sociedade em pequenos e grandes fragmentos, o estranhamento em testemunhar algo novo sempre causa reações de caráter plural.

O espetáculo *Prefiro rosa e não azul* surge a partir da inquietação e crítica de artistas do sertão pernambucano sobre o seu próprio ambiente vital e as denominações de certo e errado. Assim, os artistas organizam-se, para promover não apenas discursos indiretos, mas também discursos diretos através do teatro e suas diversas linguagens que afetam as relações normativas vigentes.

De início, refutando os discursos autoritários através de representações e descrições no jogo de cena (figura 02), demonstramos como somos expostos a um círculo de fogo, do qual se sairmos vamos sofrer as consequências em sociedade, como o preconceito, homofobia, entre outros tipos de violência. Tudo isso porque a sociedade está atrelada a um viés heteronormativo.



Figura 02 – Cena do círculo de fogo

Fonte: Acervo da Cia.Traquejo.

É certo que antes de toda a elaboração de uma determinada obra exige uma organização para execução da mesma. A metodologia dessa dramaturgia, que toma significado épico, é organizar e usar fragmentos de experiências locais e regionais para a elaboração da crítica. Tal método se torna prático, pois os próprios atores são padecedores das variadas formas de opressão social, assim o trabalho se torna uma missão para aquela equipe que se reúne com os mesmos objetivos. Inicialmente, o espetáculo é inspirado na obra de Bertolt Brecht Augusto Boal, logo tomando proporção de outros estudiosos.

O espetáculo traz linguagens corporais com base metodológica do teatro épico de Bertolt Brecht, cuja intervenção social tem intuito estético e reflexivo na forma de trabalhos didáticos que escancaram as portas do preconceito através da práxis teatral na comunidade. Dessa forma, o efeito¹³ de recepção se torna importante para a expansão do campo da consciência dos receptores, onde as mazelas e vivências da sociedade são expostas de maneira explícita.

Brecht foi muito desafiador para o período histórico de atuação do seu trabalho, durante as primeiras décadas do século XX, período em que o nazismo ganhava forma na Alemanha. Ademais, o dramaturgo reflete sobre os fatos do cotidiano, apontando para os problemas fundamentais do mundo contemporâneo e a luta pela emancipação social em nível local, regional, nacional e também mundial, trazendo o foco e o objetivo de desalienar seus espectadores através da crítica presente na narrativa de suas dramaturgias. Sua obra tem o desejo de alcançar a grande massa social do oprimido:

Abre-se a um mundo maior pela própria variedade de tempos, lugares e episódios que apresentam e, dessa forma, ultrapassa o diálogo interindividual pela riqueza cênica, pela multiplicidade de elementos visuais e imaginários que tendem quase a se sobrepor a exposição puramente verbal, declamada. (ROSENFELD, 2012, p. 29).

Em outras palavras, podemos destacar a importância da estética do espetáculo para a disseminação desses elementos. Brecht também descreve o seu público como espectadores passivos e ativos. Os passivos apenas assistem ao espetáculo normalmente como um entretenimento comum, enquanto os ativos também assistem, mas tendem a desenvolver um pensamento crítico e, conseqüentemente, levam essas discussões para o seu trabalho, esporte, podendo mudar sua percepção e noção de mundo, fazendo um aparato de todos os assuntos apresentados no palco. Dessa maneira, percebemos que sua obra destaca os obstáculos que sempre estarão presentes no meio educativo, político e social, se afastando de um pensamento positivista.

Augusto Boal inspira os atores da Companhia de Teatro e Dança Traquejo com sua proposta de teatro do oprimido, que desde 1971 vem ganhando espaço, visando o envolvimento da sociedade e estimulando alternativas para questões do cotidiano. Essa proposta engloba outros trabalhos, como o de Paulo Freire e Bertolt Brecht. Também são pertinentes e presentes os pensamentos de sociólogos como Karl Marx e Friedrich Engels, com objetivo de transformar espectadores passivos em protagonistas dos discursos presentes na ação teatral.

Boal repudiava a ideia de que existe apenas uma estética “soberana” à qual estamos submersos e de que é necessário conhecer a verdade para poder repreender o descaso, dando ênfase aos modos de ensino não formais, que conseqüentemente alcançam as camadas mais pobres da sociedade:

Ensino é transitividade, democracia e diálogo, o teatro do oprimido, cria o diálogo, busca a transitividade, interroga o espectador e dele se espera uma resposta. O teatro do oprimido procura desenvolver o desejo de criar espaço no qual se possa criar, aprender, ensinar e transformar. (BOAL, 1991 p.34 *apud* PAULOS, 2013, p.5).

Boal desenvolveu técnicas de Teatro Jornal, Teatro Imagem, Teatro Fórum e Teatro Legislativo, que são aplicadas com certos objetivos na construção da cena. No *Prefiro rosa e não azul* técnica mais utilizada é o Teatro Imagem, para expor a sexualidade, gestos e objetos como quadros com fotografias de partes íntimas

¹³ O efeito se caracteriza no produto ou resultado causado por um processo. No espetáculo *Prefiro rosa e não azul*, o efeito é caracterizado pelo momento da intervenção artística. Logo o efeito reflete nas relações sociais.

dos corpos. Trabalhando a visualidade do corpo em cena, essa metodologia se torna impactante para o público, tendo em vista os padrões em que estamos inseridos, em um ambiente onde a educação sexual ainda é escassa e censurada.

Através do ensaio aberto, o grupo abre as portas do seu espaço de ensaio para pessoas interessadas em ver o trabalho, possibilitando a participação crítica dos receptores, concomitantemente aos pensamentos de Augusto Boal. “Todo o nosso trabalho consiste em ajudar para que o usuário se transforme em sujeito ativo e criador, e não em objeto, e mais: em sujeito social” (BOAL, 2009, p.231).

Dessa maneira, o fazer teatro se torna também uma forma de educar as pessoas. Mesmo que seja de modo informal, esses discursos acarretam grande importância e significados na vida dos receptores, que logo aplicam as intervenções ali apresentadas, nas suas vidas cotidianas, salientando o poder da palavra, que tem diversas metamorfoses, desde nossas primeiras palavras como bebês, até a adolescência e assim por diante. A etimologia diz que a palavra tem a finalidade de demonstrar ou esconder a verdade.

O espetáculo *Prefiro rosa e não azul* contempla toda essa base na sua construção: crítica social e intervenções reflexivas, assim demonstrando o poder exercido pelo corpo e sua liberdade para decidir qual roupa ou cor usar.

As cores rosa e azul estão bem presentes na visualidade do espetáculo estudado. Dando importância a uma consciência histórica, é válido ressaltar que a cor ligada ao gênero é uma construção que passou por transformações, desse modo se associando a uma perspectiva estética e significativa.¹⁴ Em torno do século XVII as crianças eram vestidas de branco para representar a pureza e, em algumas obras artísticas, percebe-se que as crianças eram vestidas de rosa e azul:

Rosa para homens e azul para meninas, o rosa representava uma cor forte se relacionando com o futuro da criança, o azul, por sua vez, fôra utilizado para identificar o gênero feminino pela delicadeza e leveza conferidas à cor e a suas associações com a iconografia cristã. (BALISCEI, 2020, p.228).

A partir do século XX, essas cores tomam novos significados, ou seja, agora o azul se torna uma cor determinada para a figura masculina e a cor rosa para figura feminina:

Essas novas formas representações associadas à sexualidade são consequências do novo capitalismo, influenciado por ícones populares, pela expansão do consumismo, por estratégias publicitárias e por disputas entre movimentos sociais e grupos religiosos. (BALISCEI, 2020 p. 230).

No que diz respeito às roupas, por exemplo, Jo B. Paoletti (2012) assinala que, nos Estados Unidos, o processo de normatização das vestimentas dos meninos aconteceu primeiro justamente para diferenciá-los das meninas. Se antes do século XX era habitual que as roupas das crianças fossem neutras no que diz respeito ao gênero, a partir de 1900, gradualmente, as roupas dos meninos começaram a adquirir componentes de “masculinidade”, o que reflete o pavor e a desqualificação da homossexualidade masculina.

É preocupante como essa construção social baseada na binaridade hierárquica de gênero se estabelece. Assim, se torna importante ser estudada para podermos desenvolver um pensamento crítico e assumir o poder da nossa própria ideologia e identidade. A dualidade presente e a interpretação de

14 A discussão sobre a relação histórica entre cor e sexo desenvolvida neste artigo tem por referência o artigo de J. P. BALISCEI: Abordagem histórica e artística do uso das cores azul e rosa como pedagogias de gênero e sexualidade (2020) e o livro de JO B. PAOLETTI: Pink and blue: Telling the Boys from the Girls in América (2012).

símbolos como um definidor da sexualidade é produto de um processo histórico. Judith Butler faz uma análise estruturalista e filosófica acerca dessa binaridade e a assimetria entre gênero/sexo/desejo.

Dessa forma, o espetáculo discute a ideia de que o desejo existe e temos o poder político para decidirmos qual cor usar ou qual roupa vestir e reafirma que não fazemos parte de um determinismo biológico ou de um determinismo geográfico com evolução unilinear, enfatizando e criticando como o modo de pensar a sexualidade ainda está atrelado a esses antecedentes e singularidades, reforçando a importância de teorias feministas para a compreensão crítica dessas questões.

De acordo com Butler (2010, p. 25-26): “Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por gênero”. Nessa passagem, Butler reflete essas questões do poder relacionado a toda uma configuração social. *O Prefiro rosa e não azul* contribui para essa perspectiva, saindo de diretrizes normativas e afirmando sua liberdade de expressão contemporânea.

A linguagem do corpo é transmitida de forma direta, como é demonstrado nas (figuras 03 e 04), pois a demonstração do poder sobre o seu próprio corpo é algo explícito de maneira impactante para os espectadores, com cenas de nudismo, fazendo com que a percepção do espectador fique em aberto para interpretações de entendimento ou desentendimento. Isso se torna marcante para a sociedade, pois os corpos estão acostumados a viver dentro de padrões como diz Foucault: “em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, obrigações e proibições” (FOUCAULT, 2014 *apud* BERTICELLI; BENDER, 2020, p.4).



Figuras 03 e 04 – Cenas de nudismo e demonstração do corpo.

Fonte: Acervo da Cia.Traquejo.

Através desse contexto são impostas indagações acerca das normas culturais e jurídicas vivenciadas, fazendo referência às lutas e conquistas, pois a liberdade concedida hoje é fruto de grandes lutas travadas contra práticas historicamente opressivas. Partindo de influências internacionais como a rebelião de Stonewall¹⁵ nos Estados Unidos em 1969, eventualmente influenciando revoltas no Brasil em busca dos

15 A rebelião de Stonewall é considerada um dos marcos iniciais do movimento LGBTQ+ que visava normalizar as relações e gestos afetivos entre pessoas do mesmo sexo, o movimento teve grande repressão policial, assim como tantos outros movimentos sociais daquele período.

direitos civis da comunidade LGBT¹⁶. Acontecimentos históricos como esses são bastante importantes para novas configurações das sociedades, assim abrindo “armários”. Uma parte do texto do espetáculo diz:

Corpos abertos, mentes fechadas sociedade leiga enganas por anos de hipocrisia é intrigante, porque as pessoas fingem ser o que não são, porque a sociedade ainda nos manipula e nos prende tanto, se você for o que os outros querem que seja, nunca se libertará dessa marionete conduzida pelos outros.

Esse debate causa desconforto para algumas pessoas da plateia, fato que é visto desde o lançamento do cartaz. No decorrer do espetáculo e, após a crítica feita a algumas gírias populares e nacionais, como pica, rola, buceta, xoxota e outras palavras intituladas palavrões pela cultura regional e até nacional, após a explicação coerente das palavras citadas, através de um dicionário, os atores pedem por gentileza que os incomodados da plateia se retirem.

O propósito dessa abordagem tem o objetivo de usar ferramentas como o teatro para conseguir impor uma ressignificação de conceitos que assolam a história, como as questões de gênero, sexualidade e desejo¹⁷. Por meio da iconografia, o grupo tenta colocar em ação os primórdios da teoria feminista e a teoria *Queer* que realizam as principais críticas à heteronormatividade, colocando em debate a pluralidade das relações afetivas discutem os temas da subjetividade, respeito, moral e ética.

A exposição das relações afetivas e amorosas entre pessoas do mesmo sexo na prática se tornam muito mais complexas do que na escrita, isso porque as especificidades presentes nesse trabalho não são apenas de porte teatral, mas sim de porte realista. O desejo é demonstrado de forma peculiar com cenas fortes de masturbação, demonstrando que o desejo sexual é algo propriamente natural. Tentando desconstruir preconceitos formulados a partir do senso comum.

O efeito além do palco é caracterizado pelas argumentações já apresentadas e, principalmente, pela teoria da recepção, muito estudada pelo o pensador norte-americano Robert C. Holub por volta de 1984, que a princípio estudou as transformações e expansão da recepção, iniciando na literatura, evidenciando a relação de escritor e leitor e as várias interpretações de diferentes leitores para o mesmo livro. Estudada também por Hans Robert Jauss junto do seu amigo Wolfgang elaboraram grandes pesquisas a respeito da teoria da recepção por volta dos anos de 1970. Esses estudos ganham muito espaço, inspirando pesquisadores de diversas partes do mundo, colaborando também para a interdisciplinaridade, aplicando essa teoria nas práticas artísticas culturais.

No ato do *Prefiro rosa e não azul* acontece mobilizações voltadas para a reflexão do significado de sociedade, tendo em vista que o público possibilita o contato do espetáculo artístico com o mundo exterior. Assim, desempenhando a recepção nas dinâmicas sociais e históricas, o efeito é caracterizado pela teoria da recepção, ou seja, no ato de um espetáculo ser assistido por múltiplas pessoas, conseqüentemente é interpretado de múltiplas formas se abrindo a variadas interpretações.

Segundo Honorato (2013, p. 4): “Esse pensamento é processado em meio a diferentes hegemonias de naturezas diferentes na epistemologia de classes”. Nesse ponto a interpretação se volta para as especificidades, tendo em vista que o espectador não é apenas um mero recipiente vazio, onde será inserido um conjunto de argumentos. O espetáculo é assistido por pessoas que se veem dentro da história, seja

16 A sigla LGBT que significa, lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. A mesma sofre transformações ao longo do tempo para englobar toda uma diversidade.

17 No que diz respeito ao desejo e relações de descontinuidades culturais, Judith Butler faz uma reflexão a partir do primeiro capítulo da sua obra *Problemas de Gênero* no subtópico “*Identidade, sexo e a metafísica da substância*”

como opressor ou como oprimido.

Portanto, o *Prefiro rosa e não azul* contribui para um processo de identidade, que ajuda a grande massa social a se permitir repensar significados tradicionais sobre as relações entre gênero, sexo e desejo. Em outras palavras, pertence ao público o poder de reverberar os discursos sociais abordados através da ferramenta teatral no seu cotidiano, na sua vida afetiva, na sua produção acadêmica, nas suas relações sociais.

CONCLUSÕES

Assim sendo, a ação teatral é importante, pois também age como uma ferramenta de educação não formal na sociedade, principalmente quando é aplicada em espaços alternativos como ruas, praças públicas, escolas públicas, também se expandindo por zonas rurais, onde o acesso a práticas artísticas é mais difícil. Independentemente da idade dos espectadores, o que se torna tão importante é a prática, o fazer acontecer.

Ademais, a discussão voltada para essa temática de gênero e sexualidade geralmente são aplicadas em lugares como universidade, palestras, meios virtuais, em espaços que já têm esse objetivo. O *Prefiro rosa e não azul* vem com essa perspectiva, de atingir um público que não está acostumado com determinadas ações. Por isso o teatro se torna tão importante.

Portanto, um exemplo dessa coerência reflete-se na estética teatral do oprimido conduzido inicialmente por Boal, tomando novas proporções como é o caso do espetáculo destacado neste estudo, engajando uma prática realista, sempre assumindo novas formas e tendências. Abrindo leques de percepções para o modo de pensar, escrever, agir, e se expressar.

O *Prefiro rosa e não azul* expõe a necessidade de explorar a pluralidade de afetos existentes entre os seres sociais. Fazendo esse efeito de despertar e mostrar que é possível superar estigmas, abordando todo esse campo onde as ciências humanas estão, o campo das relações sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas dentro do teatro e conseqüentemente dentro da história.

REFERÊNCIAS

BALISCEI, J.P. **Abordagem histórica e artísticas do uso das cores azul e rosa como pedagogias de gênero e sexualidade** - Revista Teias v. 21 - ago. 2020 - Edição Especial, p.223-244.

BARROS, José de Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004, p.55-89.

BATALHONE, Vitor. **Uma história de recepção: Robert Holub e a Teoria da Recepção**. Temporalidades – Revista Discente – UFMG. 2011, p.160-174.

BENTO, João Lucas. **A COMPANHIA TRAQUEJO E O TEATRO NO SERTÃO DO ARARIPE**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Março de 2021.

BERTICELLI, Ireno Antonio e BENDER, Marcilei Silva. **Os “corpos dóceis” e as instituições socioeducativas**. Revista do Centro de Ciências da Educação – PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 38, n. 3 p. 01-13, jul./set. 2020

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.
- BRECHT, Bertolt. **Teatro Dialético**. Tradução: Editora. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular o uso de imagens como evidências históricas**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- HONORATO, Cayo. **Tem alguém, algo aí? O público, os públicos, um público. Seminário Reconfigurações do Público: Arte, Pedagogia e Participação**. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. – Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- OLIVEIRA, Urânia Auxiliadora Santos Maia. **O teatro épico e as peças didáticas de Bertolt Brecht: uma abordagem das mazelas sociais e a busca de uma significação política pelo teatro**. Anais do Simpósio da International Brecht Society, vol.1, 2013.
- PAOLETTI JO B.: **Pink and blue: Telling the Boys from the Girls in América**. Indiana University Press, 2012.
- PAULOS, Liliana. **Teatro do Oprimido na Educação e Formação de Adultos: uma ferramenta de educação não formal**. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Algarve, Faro 2013.
- RODRIGUES, Sergio Murilo. **A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault**. Psicologia em Revista. Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 109-124, jun. 2003.
- ROSENFELD, Anatol. **Brecht e o Teatro Épico**. São Paulo, PERSPECTIVA, 1965.
- RUIZ, Leticia. **O Teatro Épico Brechtiano e o Público na Atualidade. XXVII Congresso de iniciação científica, Unicamp 2020**.
- SILVA, Diego de Moraes da. **Recepção como elo da obra de arte com o mundo e com a história**. Universidade de São Paulo (USP), Brasil, 2018.
- SILVA, Flavio. Uma história do teatro do Oprimido. **Revista de arte, mídia e política**. São Paulo, v.7, n.19, p. 23-38, fev.-mai. 2014.
- REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS**
- CIA TRAQUEJO. **Uma Pluralidade de Afetos**. YouTube, Exu-PE, 2020. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLxltGoxkm7Z_29cAVemHPiMLB51qe26Gu>. Acesso em: 05 Out. 2021.
- CIA TRAQUEJO. **Uma Pluralidade de Afetos**. YouTube, Exu-PE, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/NKhtwyLLSik> .Acesso em: 26 out. 2021.
- CIA TRAQUEJO. **Uma Pluralidade de Afetos**. YouTube, Exu-PE, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/NKhtwyLLSik> .Acesso em: 26 out. 2021.
- Documentário: **Augusto Boal e o Teatro do Oprimido**, 2010.